



**Resenha de MATTOS, Marcelo Badaró. *A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo* (Boitempo, 2019)**

Alexandre Marinho Pimenta<sup>1</sup>

*A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo* (2019) é o livro mais recente do historiador e professor da UFF Marcelo Badaró Mattos. Resultado não só de inúmeras incursões do autor em anos de pesquisa sobre o tema no Brasil, como também fruto de estágios internacionais, *A classe trabalhadora* é um sucinto e qualificado esforço que incide no debate contemporâneo sobre as classes sociais através de aportes marxistas. Mais especificamente, sobre a polêmica se a classe trabalhadora ainda possui relevância não só analítica, como também política, a influenciar os processos de transformação histórica e suas prováveis direções.

Segundo o próprio Mattos, o livro não visa ser uma contribuição original sobre o tema, mas sim uma espécie de “introdução e síntese” (p. 12), que consiga reunir informações e referências para estudiosos e militantes desejosos de compreendê-lo de uma perspectiva marxista. A obra se centra “nas contribuições de Marx ao debate sobre a classe trabalhadora, mas valendo-se de várias linhas de pensamento no interior do(s) marxismo(s), buscando elucidar aspectos mais polissêmicos e/ou polêmicos das análises de Marx” (p. 10).

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia pela UnB. Membro do Comitê Editorial de marxismo21. Agradeço a leitura crítica de Ricardo Figueiredo de Castro.

Desde a apresentação, fica claro quais as correntes dos “marxismos” que o autor privilegia. Ou melhor, as que ele se opõe: o “estruturalismo marxista” e o “stalinismo” (sic) (p. 10). E ao longo do livro fica evidente como a obra de Marx (e, na maioria das vezes, Engels) é mediada sobretudo pelas interpretações de Gramsci, Thompson, Bensaïd dentre outros autores de teses semelhantes.

Já sua tese central “*é simples: a classe trabalhadora, também chamada de proletariado, tal como aparece na obra de Karl Marx, continua tendo validade como categoria analítica para a vida social sob o capitalismo*” (p. 145). Assim como é atual “*o projeto político de superação da sociedade de classes, apresentado e representado pelo sujeito social classe trabalhadora*”.

O livro, para além da apresentação e as considerações finais, é dividido em quatro partes. A primeira parte, *Marx, o marxismo e a classe trabalhadora*, é a maior do livro e visa apresentar ao leitor as dimensões objetivas e subjetivas, assim como a heterogeneidade e complexidade dessa classe, segundo proposições marxistas. A segunda parte, *Trabalhadoras e trabalhadores nos dias de hoje*; a terceira parte, *O debate sobre a classe trabalhadora hoje* e a quarta parte, *O debate historiográfico recente sobre a classe trabalhadora*,

*são diferentes exercícios de diálogo entre as discussões de Marx e dos marxismos sobre a classe trabalhadora apresentadas na primeira parte e trazem elementos empíricos da realidade da classe hoje, assim como debates das ciências sociais e da historiografia sobre essa mesma classe* (p. 11).

O formato panorâmico do livro, que abrange um número grande de discussões sem a intenção de aprofundamento, somado às limitações próprias de uma resenha, nos obrigará a tomar a seguinte estratégia: buscar destacar as principais teses defendidas pelo autor ao longo do livro, e, ao mesmo tempo, em algumas ocasiões que acharmos mais relevantes, interpretar, complementar ou criticar seu texto, muitas vezes de forma apenas indicativa. Mais precisamente, focaremos a primeira e segunda parte do livro, entendendo-as como as mais centrais no argumento do autor.

Parte significativa de nossa análise se baseará exatamente na corrente criticada por Mattos: a althusseriana. Entendendo, inclusive, que várias das teses dessa corrente colaboraram com

certas posições do próprio autor em sua defesa da atualidade política e analítica da classe trabalhadora. Como diz Pedro Benítez Martín sobre os ataques de Thompson à Althusser (mantidos mesmo após uma autocrítica do franco-argelino):

*Faz já vinte anos que sustentei que entre os discursos de Thompson e Althusser era possível o diálogo; que, em que pese as aparências, não existia antagonismo entre ambos. Sigo pensando o mesmo. Bastaria situar ambos os discursos na conjuntura particular na qual surgiram e prestar mais atenção à definição dos alvos que aos excessos cometidos. É possível, certamente, que em um ponto concreto (o do humanismo) não exista compromisso teórico possível. Isso, contudo, não deveria impedir que, desde ambos os discursos, unam-se, na prática, forças nas batalhas que, sem dúvida, terão que afrontar.*

\*\*\*

Na primeira parte do livro, Mattos destaca a vinculação política das formulações dos marxistas com o movimento operário, o “encontro” entre Marx e Engels e as organizações e lutas do proletariado contra a exploração e a ordem burguesa. Ou seja, a precedência da realidade da luta de classes em relação à sua teoria e a vinculação entre o marxismo e a causa dos trabalhadores.

Como dizia Therborn (1973):

*A diferença decisiva na situação social do marxismo, no entanto, comparada ora à sociologia acadêmica hoje, ora a correntes como a Escola de Frankfurt, era, naturalmente, a união entre seus fundadores e o movimento revolucionário dos trabalhadores. [...] A união da teoria do materialismo histórico e do movimento proletário é a base do Marxismo.*

Ou Balibar (1975, p. 245):

*Pode dizer-se que não só institui uma teoria para o proletariado, que lhe explica a sua situação histórica e lhe dá as armas de que ele necessita para a transformar, como institui uma teoria do proletariado, que, pela primeira vez na história, permite ao proletariado (e geralmente aos trabalhadores explorados) existir também, como classe autônoma, no terreno da teoria.*

Após a defesa dessa tese, Mattos faz uma incursão “filológica” sobre o termo classe trabalhadora para defender uma noção ampliada de proletariado, que não apenas incorpore os trabalhadores industriais, operários, mas basicamente todos os assalariados, dos que

estão a compor a superpopulação relativa até profissionais improdutos. Operação semelhante a de van der Linden (2016) em sua “*nova conceituação do proletariado baseada antes na inclusão que na exclusão*”.

Da mesma forma, através de diversos autores, busca demonstrar que a classe trabalhadora é uma realidade complexa e dinâmica. Sendo possível compreendê-la, ao mesmo tempo, enquanto um sujeito histórico em vias de tomada de consciência e efetivação de si mesmo.

Ora, esse eixo central do argumento do autor será resgatado ao longo de todo livro para defender a atualidade teórica e política de Marx e de sua análise da classe trabalhadora. Seja examinando dados contemporâneos sobre o mercado de trabalho em diversos países, na segunda parte. Ou, nas partes restantes, polemizando com autores da filosofia e das ciências sociais (Kurz, Postone e Standing) e da historiografia (“virada linguística”, van der Linden e estudos subalternos). Por isso merece nossa maior atenção.

Poderíamos contrapor e questionar as citações que o autor mobiliza para defender uma visão mais abrangente do proletariado. Por exemplo: lembrar que as palavras *worker* e *Arbeiter*, usadas por Marx, também podem ser traduzidas por operário, em sentido mais restrito; que no Manifesto Comunista, o proletariado aparece como *modernen Arbeiter*, surgido da indústria moderna e lá oprimido não só pela burguesia, mas também por uma ampla “hierarquia” de camadas sociais médias (também assalariadas<sup>2</sup>); que em documentos da AIT, Marx ainda insiste em fazer referência a várias classes trabalhadoras, assim como à “classe média” (MARX, 2000, *online*).

Porém, a nosso ver, a centralidade dada por Mattos à análise do vocabulário marxiano para definir o que é a classe trabalhadora, ou, mais precisamente, *quem ela é*, é equivocada. Isso porque, trata-se de um problema sobretudo teórico e menos de linguagem. E não é numa

---

<sup>2</sup> No livro III d’ *O Capital*, Marx (2014) discute rendimentos de capitalistas que se realizam através de uma forma salário específica: o salário de direção, ou de superintendência. Esse “salário” depende diretamente da exploração do trabalho alheio, mas, ideologicamente, aparece como justificativa do lucro, ao indicar uma suposta função produtiva do capitalista e seu “trabalho”. Ou seja, na obra marxiana há também outros aspectos e problematizações da forma salário que Mattos não aprofunda. A nosso ver, isso prejudica a compreensão do autor e o leva a ampliar o conceito de classe trabalhadora a praticamente todos que vivem ou precisam “primordialmente” de salário (p. 26).

minuciosa hermenêutica que encontraremos resposta – no limite, o debate se reduziria em saber o que Marx e Engels gostariam de dizer quando escrevia tal palavra em tal obra...<sup>3</sup>

Poderíamos recorrer, em sentido similar, a outros trechos d' *O Capital* e dos *Grundrisse* que consideram a exploração e a opressão de classe de forma mais restrita. E assim retomar esse imenso e controverso debate sobre trabalho produtivo e improdutivo. Mas é mais coerente e fértil dar um passo atrás e nos questionar qual conceito de classe a teoria marxista nos oferece (e por onde nos possibilita avançar), para uma melhor compreensão do proletariado.

O que é uma classe para a teoria marxista? Concordamos com a defesa de Mattos sobre as múltiplas determinações de uma classe, por se tratar de uma realidade complexa e processual. Inclusive, um dos pontos fortes do livro são os debates sobre a questão de gênero, raça e nacionalidade e suas relações com a composição da classe trabalhadora durante a história, já encontradas em vários momentos da obra de Marx e Engels. Mas, eis nosso ponto, os aportes do autor do livro muitas vezes contradizem essas teses que ele pretende defender.

Em primeiro lugar porque em vários momentos, direta ou indiretamente, a preocupação de Mattos é com uma estratificação social: contabilizar e classificar pessoas, indivíduos, que possuem um conjunto de características a serem mensuradas. Seja na tese de que há uma relação entre relevância analítica e política da classe trabalhadora e sua quantidade (“*muito da dificuldade em reconhecer hoje o potencial emancipatório do proletariado como sujeito revolucionário relaciona-se ao uso de uma concepção demasiada estreita do que venha a ser essa classe*” [p. 23]). Seja na incursão empírica na segunda parte, que falaremos mais a seguir. Classe, no caso a trabalhadora, se reduz aqui a um agrupamento de indivíduos, fundamentalmente (“*conjunto de pessoas que vivem da venda de sua força de trabalho*” [p. 26]).

Em segundo lugar, porque a classe trabalhadora aparece como *um* sujeito<sup>4</sup> (seja revolucionário, na história... no limite, “o” sujeito da história, como quer uma leitura

---

<sup>3</sup> Com isso, não quero afirmar a irrelevância desse tipo de estudo. O que digo é, para o problema específico em tela, a discussão mais teórica é mais coerente e produtiva.

<sup>4</sup> Para uma crítica detalhada do conceito de sujeito enquanto ideologia da modernidade e que se relaciona com as relações de produção capitalista, ver a tese de Flores (2018).

lukacsiana). Um sujeito ainda incompleto (em si) e que, através da experiência e da tomada de consciência, se tornará um sujeito “completo”, idêntico a si mesmo, para si. A realidade histórica processual e complexa se ofusca diante de uma teleologia, de um sujeito, no fundo, em relação consigo mesmo e seu fim predeterminado.

Para nós, essa problemática de classe enquanto sujeito se contrapõe ao conceito marxista de classe enquanto efeito de um antagonismo (BALIBAR, 1975). A partir dessa outra posição, a classe trabalhadora deixa de ser fundamentalmente uma classificação prévia de indivíduos baseado em critérios de renda e/ou profissão. A pergunta “quem é o proletariado” é secundarizada diante desta outra: como está o processo de proletarização, que é um dos aspectos da luta de classes? Categorias estanques e “demográficas”, assim, cedem lugar para características econômicas, políticas e ideológicas, concretas e dinâmicas, das relações de produção capitalista numa determinada conjuntura.

Assim, a preocupação quantitativa de Mattos se esvazia de sentido. Ora, as revoluções do século XX não nos dizem exatamente isso, que não se trata tanto do proletariado enquanto indivíduos mas enquanto força política a dirigir a massa, sempre mais ampla, diversa e profundamente contraditória? Lembra Balibar (1975, p. 62) que *“contrariamente a uma opinião generalizada, o papel histórico crescente (portanto o papel político crescente) dos trabalhadores explorados nas formações sociais capitalistas não assenta no seu número crescente, mas na sua concentração acelerada e na forma radical de sua exploração”*.

Da mesma forma, a problemática da classe enquanto efeito nos possibilita uma noção de fato relacional da classe trabalhadora e que nos afasta de uma teleologia baseada em um “déficit” de consciência. E, diferentemente do que Mattos afirma, não é só Thompson que coloca a centralidade da luta de classes para o conceito de classe como fenômeno histórico. A corrente althusseriana também ressalta tal centralidade – ao mesmo tempo que evita uma filosofia do sujeito, mesmo que oculta. *“A luta de classes e a existência das classes são uma só e mesma coisa”* (ALTHUSSER, 1978, p. 27). Ou, como diz Balibar (1975, p. 85), *“as classes sociais não precedem sua relação, mas antes resultam dela. A divisão da sociedade em classes não é anterior à sua luta histórica, mas é o efeito da luta de classes”*. E continua: *“essa ‘inversão’ torna-se necessária se quisermos passar duma simples descrição econômica ou sociológica das classes sociais a uma teoria materialista da sua*

*história*” (BALIBAR, 1975, p. 85). Sendo a luta de classes um processo objetivo, e as classes sendo efeitos de sua própria relação, não faz sentido tomar a classe trabalhadora como um sujeito da história, mas sim tomar a luta de classes (que inclui a instância ideológica) como elo central, motor dos processos históricos.

Nas partes três e quatro do livro, Mattos realiza uma interessante polêmica com vários autores. Alguns de conhecimento do público brasileiro, outros nem tanto. Apesar das inconsistências presentes na primeira parte persistirem, em grande parte o autor consegue se sustentar diante das revisões descabidas da teoria de Marx e oferecer interessantes referências e teses aos leitores. Por isso, e como afirmamos acima, não nos aprofundaremos nessas últimas partes.

Já na segunda parte do livro, achamos pertinente realizar alguns comentários. O autor nos traz uma fundamental análise sobre as condições atuais dos trabalhadores no mundo. A partir sobretudo de dados da OIT, o autor nos oferece um panorama de mercados de trabalho da Alemanha, EUA, Índia, China, além do Brasil, enfocando temas como migração, tipos de contratos e formas de trabalho, mudanças na legislação etc.

De uma forma geral, características importantes são identificadas, como as alterações na divisão internacional do trabalho nas últimas décadas e as péssimas, e em vários lugares se deteriorando, condições de vida e trabalho da maioria dos trabalhadores. Todavia, é inegável certo desnível teórico em relação às outras partes. Assim como, o autor falha na mediação para uma descida tão abrupta à empiria. Como entender no quadro teórico construído anteriormente concepções de “regulação do trabalho” e “Estado de bem-estar social” (p. 76-77), sendo que a dimensão estatal e jurídica nem nos foi apresentada? E a rápida sessão final dessa segunda parte, que visa voltar às formulações marxistas e enxergar os dados por essa lente, não consegue corrigir tal desnível.

A nosso ver, Mattos escorrega acriticamente em várias formulações e termos comuns ao discurso de relatórios dos organismos internacionais, do jornalismo ou de correntes políticas não-marxistas, em vez de tentar utilizar os dados para trabalhar em uma interpretação marxista. É curioso comparar essa parte do livro, sobretudo a análise do Brasil, com a crítica, presente na apresentação (p. 9), às concepções reducionistas de classe

que se prendem às dimensões da renda, do consumo e não tratam da dimensão política da luta de classes.

Vale a pena lembrar o esforço de marxistas brasileiros que tem buscado construir uma análise marxista do mercado de trabalho, inclusive reconstruindo os dados disponíveis. Por exemplo, o esforço presente no artigo de Granato Neto e Germer (2013) nos inspira a ter mais criticidade em relação ao discurso e dados oficiais.

Como dito na análise sobre a primeira parte do livro, devemos ter em foco a vinculação entre luta de classes e a dimensão do processo produtivo, os efeitos dessa luta nas formas, características e tendências da proletarização. Ora, se a análise se centra na estratificação detectada pelas estatísticas oficiais não se está no terreno do marxismo de fato.

Por fim, de um modo geral, o livro de Mattos se mostra, mesmo com as limitações apontadas de acordo com nossa visão, uma obra relevante e útil: resgata debates urgentes para se superar a crise teórica que hoje o marxismo enfrenta e sua correlata crise do movimento dos trabalhadores como um todo; preocupa-se em ser didático e acessível; além de se esforçar em ver o presente e se posicionar frente a ele, não caindo na armadilha do dogmatismo.

## Referências

ALTHUSSER, Louis. **Posições 1**. Graal. 1978

BALIBAR, Étienne. **Cinco estudos do materialismo histórico**. v. II. Lisboa: Editorial Presença, 1975.

FLORES, Paulo Henrique Cople. **A máquina do mundo: Sujeito, produção e Natureza na constituição da modernidade**. 2018. Tese (Doutorado em Filosofia) – PUC-RJ, Rio de Janeiro.

GRANATO NETO, Nelson Nei; GERMER, Claus Magno. A evolução recente do mercado de força de trabalho brasileiro sob a perspectiva do conceito de exército industrial de reserva. **Revista Ciências do Trabalho**, v. 1, n. 1, p.162-181, 2013.

MARTÍN, Pedro Benítez. Thompson versus Althusser. **Crítica Marxista**, São Paulo, n.39, p.129-139, 2014.

[https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/dossie2015\\_11\\_09\\_16\\_34\\_0483.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie2015_11_09_16_34_0483.pdf). Acesso em: 22 fev. 2020.



MARX, Karl. **Inaugural Address and Provisional Rules of the International Working Men's Association**. 2000. Disponível em:

<https://www.marxists.org/archive/marx/works/1864/10/27.htm>>, Acesso em: 22 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. **O Capital**: crítica da economia política. Livro III – O processo global de produção capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

THERBORN, Göran. A classe operária e o surgimento do Marxismo. **New Left Review**, Londres, n. 79, 1973. Disponível em: <<http://centrovictormeyer.org.br/classe-operaria-surgimento-marxismo/>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

VAN DER LINDEN, Marcel. O conceito marxiano de proletariado: uma crítica. **Sociol. Antropol.**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 87-110, 2016.